

BAIRROS DE BARRAGENS: DE “EM PICOTE NÃO HAVIA NADA” À EDIFICAÇÃO DE UMA CIDADE

*DAM NEIGHBORHOODS: FROM “IN PICOTE THERE WAS NOTHING” TO THE
BUILDING OF A CITY*

Inês Pinho

Mestranda em História da Arte, Património e Cultura Visual/ FLUP
inesmoreirapinho@gmail.com

RESUMO

No âmbito do I Plano de Fomento Nacional, a eletrificação de Portugal é vista como uma forma de modernização nacional. Em 1951, desenvolve-se um estudo que procurasse aproveitar economicamente o Rio Douro. Como fruto desse estudo, compreende-se a importância da construção das Barragens no Douro Internacional, tomando-se como prioridade a construção da Barragem do Picote entre 1953/1954. Localizada no Barrocal do Douro, Miranda do Douro, Bragança, é frequentemente referida como uma zona profundamente rural e precária em relação ao restante panorama nacional, sendo o local escolhido para a sua construção, remoto, sem aglomerados urbanos próximos e de difícil acesso. Nas palavras de um dos seus arquitetos, João Archer de Carvalho, “Em Picote não havia nada”. É, neste sentido, que este arquiteto em conjunto com Rogério Ramos e Manuel Nunes de Almeida projetam uma obra de arte total que conferisse equipamentos habitacionais condignos para os milhares de trabalhadores nas obras, bem como uma série de equipamentos sociais que permitiam o acesso a todos os tipos de infraestruturas necessárias para o quotidiano, equiparando-se a uma pequena cidade. Picote é uma das primeiras experiências da Arquitetura do Modernismo em território português, atualmente ainda profundamente desconhecida do público, mas cuja dimensão é visível na linguagem arquitetónica, no pensamento urbano e no detalhe em que todos os pormenores de acessibilidade e comodidade são nesta localidade refletidos.

Palavras-chave: Picote; Bairro de Barragem; Portugal; Património; Arquitetura Modernista

ABSTRACT

Under the I National Development Plan, the electrification of Portugal is seen as a form of national modernization. In 1951, a study was developed that sought to make economic use of the Douro River. As a result of this study, the importance of the construction of Dams in Douro Internacional is understood, taking as priority the construction of the Picote Dam between 1953/1954. Located in the Barrocal do Douro, Miranda do Douro, Bragança, it is often referred to as a deeply rural and precarious area in relation to the rest of the country, being the location chosen for its construction, remote, with no nearby urban agglomerations and difficult to access. In the words of one of its architects, João Archer de Carvalho, “In Picote there was nothing”. It is in this sense that this architect, together with Rogério Ramos and Manuel Nunes de Almeida, designed a total work of art that would provide decent housing equipment for the thousands of workers in the works, as well as a series of social equipment that allowed access to all the types of infrastructure needed for everyday life, equating to a small town. Picote is one of the first experiences of Modernism Architecture in Portuguese territory, currently still deeply unknown to the public, but whose dimension is visible in the architectural language, in urban thinking and in the detail in which all the details of accessibility and convenience are reflected in this location.

Keywords: Picote; Dam Neighborhood; Portugal; Heritage; Modern Architecture

Introdução

Os Bairros de Barragens assumem-se como uma tipologia arquitetónica pouco conhecida, estudada e valorizada em Portugal. O seu valor e a necessidade de conservar estes testemunhos sociais e históricos e de valorizar esta tipologia arquitetónica é sustentada por Cartas e Convenções Internacionais aplicadas ao Património. É o caso da Carta de Veneza de 1964 que afirma que:

A noção de monumento histórico [que] engloba a criação arquitetónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural (ICOMOS, 1964: artigo 1).

Estas referências indicam a necessidade de manter viva a memória e a tradição de um testemunho do passado, cuja importância, no nosso caso, remete para a cronologia da construção das Barragens, a importância social destes Bairros e a sua relevância enquanto conjuntos a conservar. Como referido, estamos perante um património e uma tipologia arquitetónica pouco valorizada e conhecida pela nossa sociedade, o que apresenta um perigo para a sua proteção. O estudo destes objetos e a sua divulgação são essenciais, o que se articula com o princípio de que “o património arquitetónico tem um valor educativo determinante” (ICOMOS, 1975: artigo 5) e, conseqüentemente, “importa por isso conservar vivos os testemunhos de todas as épocas e de todas as experiências” (ICOMOS, 1975: artigo 5).

Por não estarmos a trabalhar sobre um grande monumento nacional, a falta de educação e conhecimento para as pequenas arquiteturas ou conjuntos arquitetónicos consiste num perigo para a sua permanência no tempo. Este património “(...) está ameaçado pela ignorância, pela vetustez, pela degradação sob todas as formas, pelo abandono” (ICOMOS, 1975: artigo 6). Num contexto em que muitos destes Bairros se encontram em ruínas, abandonados e com uma pequena percentagem habitada, é crucial dedicar-lhes um estudo que permita a sua continuidade no tempo enquanto espaços de habitação e de memória.

Neste sentido, o artigo “Bairros de Barragens: de “Em Picote não havia nada” à edificação de uma cidade” é desenvolvido a partir do objetivo de compreender as condições de vida dos trabalhadores, as motivações que conduzem à construção do Bairro e como o projeto foi realizado e pensado. Apesar do Bairro incorporar a Barragem e todas as infraestruturas dedicadas ao funcionamento da mesma, este artigo dedicar-se-á ao estudo das arquiteturas habitacionais e sociais. O trabalho posiciona-se, portanto, entre os estudos

sociais, a arquitetura e urbanismo, bem como questões patrimoniais numa tentativa de contribuir para a difusão do conhecimento sobre esta tipologia arquitetónica e, mais especificamente, sobre o Bairro de Picote.

A metodologia adotada assume a escassez documental e bibliográfica, pelo que concentra como fonte de informação o documentário “O Lodo, as Estrelas e os Sábios” de Ricardo Clara Couto e Nuno Santos, apresentando a citação da fonte da seguinte forma [hh:mm:ss - hh:mm:ss]. Porém, para o aprofundar do conhecimento do Bairro e do seu projeto, foi essencial a leitura bibliográfica das Dissertações de Mestrado de Margarida Pinho Caldeira (2014), Nélcio Miguel Seixas (2015), Andreia Jorge Martins (2018) e Ana Luísa Rosas da Silva (2018). Refere-se ainda a obra de Michele Cannatà e Fátima Fernandes (1997) e os documentos do Centro de Documentação EDP. Esta metodologia permite levantar e identificar as habitações e equipamentos sociais, compreender as relações com o lugar e desenvolver análises arquitetónicas.

O contexto da construção da Barragem do Picote e a importância da construção do Bairro para os Barragistas

No âmbito do I Plano de Fomento Nacional e num ambiente de adesão à Organização Europeia de Cooperação Económica (OECE), Portugal queria aproximar-se do desenvolvimento europeu num contexto pós-guerra. A eletrificação do país é vista como uma forma de modernização nacional e integra a política económica para o país.

Em 1951, a empresa *Knappen-Tippetts-Abbet-McCarthy* é contratada pelo Governo português para desenvolver um estudo que procurasse aproveitar economicamente o Rio Douro. Como fruto desse estudo, compreende-se a importância da construção das Barragens no Douro Internacional (Picote, Miranda e Bemposta), dal qual Picote seria tornada prioritária (Portaria 623/2011).

A Barragem do Picote começou a ser construída entre 1953/1954 e terminou em 1958. Localizada no Barrocal do Douro, Miranda do Douro, Bragança, é frequentemente referida como uma zona profundamente rural e precária em relação ao restante panorama nacional, sobretudo no que diz respeito a acessos, mão-de-obra e infraestruturas. O local escolhido para a construção era remoto, sem aglomerados urbanos próximos e de difícil acesso. Nas palavras de João Archer de Carvalho, “Em Picote não havia nada (...)” [00:07:30 – 00:07:31].

Neste sentido, a Hidro-Elétrica do Douro, empresa responsável pelo projeto, após elaborar o Plano Geral para Picote define a construção de um Bairro que pudesse albergar os milhares de trabalhadores envolvidos na obra, bem como as suas famílias.

A construção do Bairro não pode apenas ser justificada pela localização da obra. Existem vários relatos das duras condições de vida e de trabalho destes homens, mesmo antes dos trabalhos na Barragem. É o caso do Padre Telmo Ferraz que nos relembra que uma grande percentagem destes homens eram antigos trabalhadores de minas com salários baixos, famílias numerosas e a viver em condições desumanas. A construção da Barragem permitiu um pequeno aumento salarial, permitia casas com condições mínimas de vida e conforto para estes trabalhadores como individuais ou com as suas famílias [00:00:43 – 00:01:21]. O Testemunho de um antigo trabalhador, Lázaro António, demonstra-nos isso quando afirma que “Vir de um casebre para uma casinha destas de dois quartos. é uma mudança total. Como se fosse do Inferno para o Paraíso” [00:13:09 – 00:13:18].

O Plano elaborado destaca-se pela multidisciplinariedade da equipa e por ser um projeto total que idealiza a construção da Barragem, da Central, da Estação de Tratamento de água, o plano urbanístico, das habitações, dos equipamentos sociais, das estradas de acesso e incorpora um estudo da preexistência do espaço que permite manter uma harmonia entre a paisagem e as arquiteturas que seriam construídas, o que demonstra a preocupação com o *genius loci*. Segundo Alexandre Alves Costa, Picote representa a correta “escolha do sítio, o controlo da escala nas relações que os volumes estabelecem entre si e com a dimensão do território, a delicadeza da sua colocação no terreno, o respeito pelos seus valores morfológicos” (COSTA, 1997:10).

Os arquitetos escolhidos para desenvolverem o Projeto para a Central Hidroelétrica do Picote são João Archer de Carvalho, Rogério Ramos e Manuel Nunes de Almeida, três arquitetos jovens da Escola do Porto. Em conjunto vão construir um projeto total que se equipara a uma cidade com todas as infraestruturas necessárias para a vivência quotidiana. Ao mesmo tempo, destacam-se pela forte evidência de modernidade que reproduzem nestas arquiteturas, o que até então não tinha ainda sido visto em território português e contrariava os ideais conservadores do Regime. A oposição à arquitetura que o Regime divulgava e pretendia conduziu a que partes do projeto tivessem sido chumbadas pois, segundo João Archer, “aquilo não se podia fazer em Trás-os-Montes” [00:17:43 – 00:18:38]. Porém, após Leonardo Castro Freire, arquiteto conselheiro, assumir a responsabilidade pela obra arquitetónica, foi-lhes permitido fazer o projeto da forma como estaria planeado [17:43-18:38].

O Bairro da Barragem do Picote: o local, a hierarquização, a preocupação social e os materiais

O local onde o Bairro foi construído designa-se de Barrocal de Cima, na zona mais alta do Barrocal. São definidas duas fases e duas tipologias habitacionais a ser construídas.

Numa primeira fase constrói-se as habitações temporárias, as pré-fabricadas, que permitem albergar o grande número de pessoas que iniciam os trabalhos na Barragem. Ao mesmo tempo são erguidas algumas infraestruturas de carácter igualmente temporário como a escola, pousada, clube, balneários, lavandaria e refeitório, messe dos trabalhadores, posto de saúde, entre outros. No caso da Escola e Pousada, estas foram substituídas por construções definitivas, mas os restantes foram desmontados (MARTINS, 2018: 77).

A segunda fase compreende a construção das habitações definitivas para os trabalhadores que ficariam a habitar o Bairro e a trabalhar na Barragem após a finalização da construção da mesma. São igualmente construídas novas infraestruturas como a Capela e a Escola, referidas anteriormente, mas também o Centro Comercial, os Escritórios, a Zona Recreativa e de Lazer (MARTINS, 2018: 77-78).



Figura 1: Cartografia Bairro do Picote. Autor: Inês Pinho, 2021. Legenda: A azul as habitações permanentes, a amarelo a Pousada Permanente, a laranja as habitações temporárias ainda existentes, a vermelho os equipamentos sociais ainda existentes, a preto os equipamentos sociais e habitações temporárias desmontados.

O plano urbanístico é definido por uma via principal que liga o Picote, a Barragem e o edifício de comando e descarga, ao Barrocal e, a partir desta, abrem-se vias secundárias que se adaptam à topografia e fazem a ligação com os espaços habitacionais, equipamentos sociais e

outros equipamentos construídos. O sentido de adaptação à morfologia do terreno, obrigou ao desvio das vias construídas, muitas vezes sinuosas, como é visível na figura 1. O que é igualmente visível é um total aproveitamento do terreno para a implantação das habitações, nomeadamente os Casões dos Trabalhadores e as Casas do Pessoal Auxiliar que se definem a partir de cotas desniveladas paralelas entre si. O agrupamento paralelo de habitações da mesma tipologia não é exclusivo destas duas referidas, o mesmo acontece com as Camaratas do Pessoal Especializado Solteiro e as Casas do Pessoal Especializado, mas nestas duas tipologias o que se conclui é que o terreno de implantação era plano, não havendo a necessidade de as implantar em cotas desniveladas. Refere-se ainda as Casas do Pessoal Especializado organizadas em quarteirões de habitações em banda. Todas as restantes arquiteturas referidas são de caráter isolado, mas é permanente a adaptação ao terreno.

As preocupações sociais foram também tidas em conta na organização urbana do aglomerado. As habitações foram construídas na melhor localização, tirando partido da topografia e das paisagens, mas também como forma de escolher os locais mais expostos ao sol e com maior número de espaços verdes.

Um dos princípios da organização do espaço habitacional centra-se na definição da hierarquização social a partir de tarefas e classe trabalhadora. O projeto prevê que a cota mais alta - o local com a vista mais privilegiada sobre a região - se destinava ao pessoal dirigente, da gestão e manutenção da central e à pousada e, nas cotas mais baixas, estariam alojados os restantes trabalhadores. Esta divisão pode ser assumida a partir da via principal de acesso, em que à direita surgem as Casas dos Dirigentes e à esquerda as restantes habitações.

É perceptível que em distâncias espaciais, as habitações dos trabalhadores estão mais próximas do lugar de trabalho, a Barragem, do que as habitações dos Dirigentes. Na mesma medida em que as habitações temporárias estão mais distanciadas do centro em que surgem os serviços do que as habitações definitivas.

Outro aspeto fundamental a referir é a integração destas arquiteturas na paisagem. Este objetivo é conseguido pela conjugação entre as técnicas e materiais da região transmontana com as técnicas e materiais da modernidade. Neste sentido, há um sentimento de unidade entre o granito, madeira, materiais cerâmicos e ardósias locais com o betão, cimento e perfis metálicos [00:26:16 – 00:26:31]. A vontade de respeitar a pré-existência foi alcançada por João Archer que, na primeira semana de trabalhos, realiza um inquérito para compreender quais as possibilidades regionais (MARTINS, 2018: 78) e, a partir das conclusões, procura incorporar a

cultura local nas arquiteturas que pretende construir. Este estudo regional permitiu a compreensão de quais as espécies arbóreas compatíveis com o solo e com o clima que foram, posteriormente, incorporadas nas áreas verdes e jardins. Nunes de Almeida (2013) refere que foi a partir das implantações muito estudadas, nas quais recorreram a volumes simples entre os penedos e fragas e ao criar áreas verdes articuladas que conseguiram diminuir as diferenças entre o natural e o construído e criar um aglomerado pensado como um todo. Aspetos que serão visíveis nas Habitações Definitivas.

As habitações temporárias

A primeira tipologia a ser referida é os Casões dos Trabalhadores, atualmente já desmontados. São grandes blocos longitudinais, organizados paralelamente em cotas, próximos do Estaleiro. O bloco é dividido ao centro por um vão de entrada que cria o efeito de simetria e de articulação entre as duas alas de quartos. O espaço é definido por um módulo com pequenos vãos superiores, para a ventilação e iluminação, que se repete ao longo de toda a fachada. O interior era definido por uma pequena área, de 2,5 m², para cada trabalhador, no qual se insere o beliche. Esta arquitetura funciona como dormitório para cerca de 80 Barragistas. Como estrutura de apoio ao dormitório foram edificados um balneário exterior e um refeitório.



Figura 2: Casões dos Trabalhadores. 1- Fotograma extraído do minuto 00:22:41.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

A segunda tipologia são as Camaratas do Pessoal Especializado Solteiro. Cada Camarata é um volume único e longitudinal, distribuída por duas alas interligadas pelo balneário ao centro. Denota-se aqui a presença da hierarquização social, na medida em que as alas são divididas por 20 quartos duplos, o que permite uma maior privacidade relativamente à tipologia anterior. Estes trabalhadores têm igualmente ao seu dispor o Refeitório, bem como a Lavandaria e a Messe dos Trabalhadores.



Figura 3: Camaratas do Pessoal Especializado Solteiro. 1- Fotograma extraído do minuto 00:22:48.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

As duas tipologias referidas foram as primeiras a ser implantadas no território. Os Casões dos Trabalhadores foram construídos em grande número, sendo que se refere mais de uma centena de casas de envasamento de pedra e estrutura de madeira [00:23:05 – 00:23:12].

A terceira tipologia são as Casas do Pessoal Especializado destinadas à habitação familiar. É constituída por volumes longitudinais, em que cada um corresponde à habitação de quatro famílias. Estas habitações apresentam casa-de-banho própria, uma pequena horta e anexos de apoio. O número de quartos varia entre o um e três.



Figura 4: Casas do Pessoal Especializado. 1- Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

A quarta tipologia são as Casas do Pessoal Auxiliar, junto à Capela. São habitações destinadas a um grupo de trabalhadores da mesma categoria, o que lhes permite uma maior privacidade relativamente às tipologias referidas anteriormente. Estas moradias diferem das anteriores pela linguagem arquitetónica, na medida em que são habitações de dois pisos e com mais vãos de iluminação e ventilação, o que lhes confere um estatuto privilegiado. Este estatuto é ainda comprovado pela presença de uma criada e de uma zona destinada aos trabalhos domésticos da mesma.



Figura 5: Casas do Pessoal Auxiliar. 1- Fotograma extraído do minuto 00:22:51.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

A última tipologia são as Casas do Pessoal Dirigente, localizadas junto à Pousada. A diferenciação social referida na tipologia anterior é aqui repetida, apresentando-se como casas térreas, de maiores dimensões e alguma superioridade arquitetónica relativamente às restantes.



Figura 6 - Casas do Pessoal Dirigente. 1- Fotograma extraído do minuto 00:22:54.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

As habitações temporárias eram construções em madeira, posteriormente pintadas em tom de verde, apoiadas por uma base de granito e cobertura de telha. Comparativamente às definitivas, eram mais pequenas e de condições mais modestas e de linguagem arquitetónica bastante simples, tendo em consideração que estas arquiteturas tinham como objetivo serem desmontadas e levadas para os trabalhos de outras Barragens.

As habitações definitivas

As habitações definitivas são destinadas à classe dos Trabalhadores Especializados e Dirigentes, sendo projetos de João Archer de Carvalho e Manuel Nunes de Almeida. São visíveis duas tipologias. As casas em banda para o pessoal especializado, junto às habitações temporárias, e as moradias isoladas ou “Casas dos Engenheiros”. O número de quartos dependia da dimensão de cada habitação.

As habitações em banda, unifamiliares, são agrupadas em duas habitações que formam blocos simétricos. São constituídas por sala comum, cozinha, casa de banho, arrumos, por jardim e pátio exterior privado. Estas habitações conjugavam os materiais da zona, como a ardósia das coberturas (entretanto substituída pela telha cerâmica) com a laje de pedra e os mármore, no interior. Para esta tipologia foram construídas cerca de 50 casas [00:25:29 - 00:25:58]

Em termos arquitetónicos refletem os ensinamentos do Modernismo, visível nas formas simples e geométricas, na profunda iluminação, no uso racional dos materiais e a rejeição da ornamentação, o que permite um Espaço demarcado pela simplicidade, funcionalidade e pela integração espacial com o ambiente envolvente.



Figura 7 - Casas do Pessoal Especializado. 1- Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

As moradias isoladas são arquiteturas de maior dimensão, mais espaço interior, constituídos pelas áreas privadas no piso superior e, no piso térreo, pelas áreas comuns.



Figura 8 – Casa dos Engenheiros. 1 - Créditos: SIPA, 2005-2014.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

Evidencia-se as cinco Casas dos Engenheiros como arquiteturas de clara influência moderna e corbusiana. Como Nunes de Almeida afirma em 2013, há um respeito pelo local e o seu envolvente; a forma segue a função, o que permite uma articulação funcional entre os espaços e um uso racional dos mesmos; elimina-se elementos desnecessários; relaciona-se os alçados e os volumes arquitetónicos. O objetivo é alcançar a atitude da forma e volumes puros

e funcionais que, ao mesmo tempo, refletem um sentido de simplicidade. É também clara a influência de Adolf Loos, cujo lema “o ornamento é crime”, é um dos amplamente seguidos pelo arquiteto, como o próprio afirma.

Outro aspeto a referir é a ligação destas habitações com a paisagem. A sua fixação respeita os pré-existentes afloramentos rochosos e vegetação já existente. Porém, criam-se jardins, nos quais a vegetação é pensada como um todo para se adaptar ao local de implantação (MARTINS, 2018: 89). A ideia de ligação contínua entre a natureza e o edificado é ainda visível nas divisórias entre as moradias, na medida em que não são construídos muros divisórios, mas sim uma sebe de arbustos que funcionam como divisórias naturais.

Destinado também ao Pessoal Dirigente, evidencia-se a construção da Pousada na plataforma mais elevada de todo o terreno, o que demonstra mais uma vez a hierarquização social aqui pretendida. Nas palavras de João Archer de Carvalho (2013) é clara a utilização harmoniosa entre a tradição e o moderno a partir do cimento, ferro e vidro, com o granito, ardósia e madeira, materiais amplamente utilizados em todo o projeto. Visualiza-se uma arquitetura de dois corpos, que emergem do solo, com um e três pisos, respetivamente. Os ensinamentos do Modernismo estão aqui presentes pela pureza dos volumes, os grandes vãos de iluminação, a geometrização das formas e relação entre o cheio e o vazio.



Figura 9 - Pousada. 1 - Créditos: Arquivo RTP. “Eletricidade, a nova Riqueza do Douro”, 1959. Fotograma retirado do minuto 00:19:52. 2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [17/04/2021].

Nos jardins da Pousada é novamente comprovado o respeito pela cultura local e pela vegetação própria região. Não só foi respeitado as pré-existências, mas também a adição humana cumpriu com os requisitos daquilo que era natural no lugar. Como Fátima Fernandes afirma “Rogério Ramos incorpora neste conjunto, neste espaço da pousada, um conjunto de valores que são no território nacional, os mais incrivelmente bem integrados na forma da construção e que aqui acontecem excecionalmente”, referindo-se à forma exemplar como foi integrado os conceitos e princípios internacionais com os valores e características do sítio [00:37:30 – 00:40:49].

Os Equipamentos Sociais

A Capela do aglomerado populacional reflete os ensinamentos do Modernismo a partir de uma reinterpretação dos templos clássicos, visível pelo pórtico, *peristilo* e *cella*, bem como o ritmo dos pilares que destacam o volume paralelepípedo da nave. O edifício, apesar de modesta dimensão, é enriquecido pela geometria, proporção e equilíbrio entre todas as partes.



Figura 10 - Capela. 1- Créditos: SIPA, 2005-2014. 2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [19/04/2021].

A Escola é um dos equipamentos presentes no projeto do Bairro, pensada para os Barragistas que traziam consigo as suas famílias. Localizada no coração do Bairro, ocupa uma posição de proximidade à área mais densa de habitação. A arquitetura foi projetada de forma a criar duas áreas distintas, a feminina e masculina, interligadas por um espaço central, o alpendre (SEIXAS, 2015: 88). É um edifício dominado por amplos vãos de iluminação, o que permite uma constante relação entre interior/exterior.



Figura 11 - Escola. 1- Arquivo RTP. “Eletricidade, a nova Riqueza do Douro”, 1959. Fotograma retirado do minuto 00:19:41. 2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [19/04/2021].

O Centro Comercial foi outro grande equipamento construído no Bairro, permitindo a toda a comunidade ter acesso a serviços de interesse comum para o seu quotidiano, nomeadamente a estação de correios, a padaria, a mercearia, o talho, a peixaria, a droguaria e a barbearia. A arquitetura do Centro Comercial demonstra um rigoroso geometrismo que se dilui na paisagem a partir de dois corpos definidos pelo cruzamento entre planos verticais e horizontais que se organizam numa praça.



Figura 12 - Centro Comercial. 1- Autor desconhecido. 2005-2014. SIPA.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [19/04/2021].

A Zona Recreativa e a Piscina inserem-se numa área marcada pelo acesso tortuoso, os afloramentos rochosos e a agreste vegetação. Porém, é mais uma vez visível o uso do rigor geométrico, tanto na estrutura da piscina propriamente dita, como em todo o plano da zona. Realizam-se rampas de escada, nas quais se formam terraços para o repouso.



Figura 13 – Zona Recreativa e Piscina. 1- Autor desconhecido. 2005-2014. SIPA.
2- Localização no Território. Captura de Ecrã Google Maps [19/04/2021].

Considerações finais

Ao se projetar equipamentos e habitações de caráter temporário pode-se imaginar que estas tipologias não tivessem um enquadramento tão ponderado no território. Porém, não é isso que acontece em Picote. Todas as edificações de caráter temporário e definitivo são harmonizadas no espaço, o que é visível pela definição de hierarquização social, mas também pela implantação em cotas de todos os equipamentos, o que nos demonstra o projeto como um todo.

O que se observa em Picote é a idealização de um programa total, em que todos os equipamentos habitacionais, sociais e industriais são pensados com todo o detalhe e se articulam entre si e se fundem profundamente com a paisagem. O Projeto, como um todo, materializa as preocupações sociais em conferir habitação condigna a todos os trabalhadores e às suas famílias e, por isso, todas as habitações continham todos os espaços considerados essenciais para a vivência quotidiana ou então equipamentos

anexos que permitiam uma melhor qualidade de vida. Estes fenómenos são igualmente visíveis nas arquiteturas de carácter temporário que, apesar de terem como finalidade a sua desmontagem e de serem de linhas mais simples não refletindo os ideais do Modernismo como as definitivas, são igualmente ponderadas no espaço.

Tendo em conta o lugar remoto do Bairro e a necessidade da presença de serviços, foram construídos equipamentos sociais que congregavam todas estas necessidades. A consciência do lugar em que viviam como uma pequena cidade encontra-se bem presente no pensamento dos seus habitantes, como é comprovado pelas palavras de Marceonilia Rodrigues que afirma “*Nós vivíamos numa cidade em miniatura porque tinha tudo (...)*” [00:27:25 – 00:27:28].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Margarida Pinho. **O Destino dos Bairros das Barragens**. 2014. Dissertação (Mestrado em Planeamento e Projeto Urbano) - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/74777>>. Acesso em 20.08.2021

CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima. **Moderno Escondido: Arquitectura das Centrais Hidroelétricas do Douro 1953-1964: Picote, Miranda, Bemposta**. 1997. FAUP Publicações, Porto, 1997.

MARTINS, Andreia Jorge. **A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957**. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Artes da Universidade de Évora, Évora, 2018. Disponível <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23376>>. Acesso em 20.08.2021

SEIXAS, Nélio Miguel. **A revisão dos anos de 1950 no Urbanismo e Arquitetura do Douro Internacional. Barrocal do Douro, Miranda do Douro, Cardal do Douro**. 2015. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola Superior Gallaecia, Vila Nova de Cerveira, 2015. Disponível <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/12826>>. Acesso em 21.08.2021

SILVA, Ana Luísa Rosas da. **Muros que erguem causas – barragens e património. Os Casos de Picote, Côa e Tua**. 2018. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117391>>. Acesso em 21.08.2021

Referências Videográficas

COUTO, Ricardo Clara; (realiz.). **O Lodo, as Estrelas e os Sábios**. 2020. Clara Amarela Films. Disponível <<https://www.rtp.pt/play/p7057/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios>> . Acesso em 11.03.2021

ARQUIVOS RTP. “**Electricidade, a nova Riqueza do Douro**”. 1959. Arquivos RTP. Disponível <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/electricidade-a-nova-riqueza-do-douro/>>. Acesso em 07.05.2021

Outras Fontes

Manuel Nunes de Almeida. Entrevista concedida a Andreia Jorge Martins, António Raimundo Figueiredo Semedo, Bruno Gil Vieira da Silva e Mafalda Sofia Claudino Rodrigues. Porto, 4 de Junho de 2013.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. 1964. Veneza: II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos.

João Archer de Carvalho. Entrevista concedida a Andreia Jorge Martins, António Raimundo Figueiredo Semedo, Bruno Gil Vieira da Silva e Mafalda Sofia Claudino Rodrigues. Porto, 4 de Junho de 2013.

João Archer de Carvalho. Entrevista concedida a Andreia Jorge Martins. Porto, 24 de Março de 2015.

Hidro-Elétrica do Douro (1959). Escalão de Picote. Porto: Hidro-Elétrica do Douro

Portaria n.º 623/2011, DR, 2.ª Série, n.º 123, de 29-06-2011